



UM BRASIL VESTIDO DE CHITA - OLIMPÍADAS 2016

Alice Zozima Rego de Souza Paris¹

RESUMO: O Brasil sempre foi visto como um país cheio de cores, vida e festa. Sem esquecer seu clima tropical, sua biodiversidade e suas atrações diversas concentradas nas florestas, praias e montanhas. Ele é um país que atrai todo tipo de turismo, seja ele ecológico, cultural, histórico e/ou esportivo. Para este artigo a análise será efetuada neste último, pois para os praticantes de esportes, esse país é um prato cheio, tem de tudo. Dos esportes radicais aos tradicionais. Sobretudo, neste requisito ele começa a alcançar outros níveis, o da realização de megaeventos. Tanto é que em menos de 10 anos, para ser mais precisa, entre os anos de 2007 a 2015 ele realizou: Copa do Mundo de Futebol, Pan Americano, Jogos Mundiais Militares e Copa das Confederações de futebol da FIFA. E por último os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, em 2016. Qualquer país que sediasse um desses eventos, causaria uma reviravolta em termos de infraestrutura, urbanismo, problemas socioeconômicos, fundiários e ambientais. Imaginem tudo isso em um só país, como é o caso do Brasil. A mudança repentina, trouxe vários impactos sendo eles positivos e negativos. É o que será analisado neste artigo. Para ilustrar melhor essa realidade serão observadas duas personagens bem emblemáticas da cultura brasileira. A primeira conhecida mundialmente pela canção a Garota de Ipanema de Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, e a segunda pela literatura brasileira, no romance a Hora da Estrela de Clarice Lispector, com a Garota Macabéa. Ambas figuras imaginárias, mas que nos serviram de exemplo para mostrar uma realidade vestida de Chita² que vive nosso Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *Olimpíada Rio-2016; megaeventos; comunicação; esporte; turismo.*

¹Doutoranda pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo / Brasil e pelo laboratório I3M da Universidade de Toulon /França. E-mail: alice_zozima@hotmail.com.

²Tecido de algodão com estampas de cores fortes, geralmente florais, e tramas simples. A estamparia é feita sobre o tecido conhecido como morim. As características principais são: cores primárias e secundárias em massas chapadas que cobrem totalmente a trama, tons vivos, grafite delineando os desenhos, e a predominância de uma cor. As cores intensas servem, não só para embelezar o tecido, mas também para disfarçar suas irregularidades, como eventuais aberturas e imperfeições. Usado pela classe C e D. O tecido transformou-se em um dos ícones da identidade nacional, usar a chita ou o “pano do povo” (Rocha e Queiroz, 2010), significa que você é pobre e nordestino.

Introdução

“Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, é ela menina, que vem e que passa, num doce balanço, a caminho do mar. Moça do corpo dourado, do sol de Ipanema, o seu balançado, é mais que um poema, é a coisa mais linda, que eu já vi passar [...]”.

Lendo essas breves palavras da canção de Antônio Carlos Jobim³ (música) e Vinícius de Moraes⁴ (letra), você leitor, de qualquer parte do mundo, pensa logo na cidade do Rio de Janeiro, nas belas praias, no colorido entre o mar e os coqueirais, no bronzeado das pessoas, no calor e numa caminhada ao sol quente na beira da praia. No entanto, será que Tom Jobim e Vinícius de Moraes, teriam pensado nessa mesma “Garota de Ipanema”⁵, título da música acima, vestida de Chita, magra e pobre? Como a personagem de Macabéa de Clarice Lispector⁶, do romance *A Hora da Estrela*⁷.

Esta obra relata a vida de uma menina pobre, magra, nordestina, sem autoestima, e de pouca inteligência, chamada Macabéa. Nascida no Estado de Alagoas, ela perde logo cedo seus pais, e imigra para o sudoeste, para a cidade do Rio de Janeiro, para ser criada pela tia, que morre também em seguida. Este romance fala claramente da pobreza, injustiça social e da marginalidade no Brasil, nos anos 70. Por coincidência, nossa personagem Macabéa, namora com um rapaz chamado Olímpico, que também é nordestino, mas ganancioso, vaidoso, cheio de charme e interesseiro. Seria ele nosso Olímpico, nossas Olimpíadas 2016? Mostrando um Brasil bonito, sem defeitos, sem violência e sem pobreza? Ou seria ele nossos políticos, cheios de promessas e

³ Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, mais conhecido como Tom Jobim, foi um compositor, maestro, pianista, cantor, arranjador e violonista brasileiro. É um dos criadores e principais forças do movimento da bossa nova.

⁴ Marcus Vinitius da Cruz de Melo Moraes, conhecido apenas como Vinícius de Moraes, foi um diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor brasileiro. Sua obra é vasta, passando pela literatura, teatro, cinema e música. A poesia foi sua primeira e maior vocação. Seus principais parceiros eram Tom Jobim, Toquinho, Baden Powell, João Gilberto, Chico Buarque e Carlos Lyra.

⁵ Título da música acima, Garota de Ipanema. Composta por Vinícius de Moraes (letra) e Antônio Carlos Jobim (música), em 1962. Esta canção da Bossa Nova já foi traduzida em mais de 170 versões. Ficou mundialmente conhecida em 1967, quando Frank Sinatra regravou a versão em inglês traduzida pela cantora Astrud Gilberto, com arranjos do consagrado Stan Getz.

⁶ Clarice Lispector era jornalista e escritora, nascida na Ucrânia e naturalizada no Brasil. Autora de vários contos, romances e ensaios, considerada uma das escritoras mais importantes do século XX.

⁷ Última obra da escritora Clarice Lispector, que utiliza um narrador agressivo, no papel de Rodrigo S. M. Onde ela tenta falar diretamente com o leitor, despertando um sentimento a mais sobre a injustiça social.

graciosos? Nossas agências de viagens, cheias de charme? Nossa vaidade de ser brasileiro?

O interesse neste ensaio é o de comparar duas realidades transversas, tão distintas e tão reais: de um lado as Olimpíadas 2016, no Brasil, que mostra uma imagem de um Rio de Janeiro e um Brasil com aparência da Garota de Ipanema, da riqueza, do turismo potencial. Do outro, uma realidade dissimulada que seria a da Garota Macabéa, sendo ela a representação da imagem do povo brasileiro vestido de Chita.

Este artigo trata sobre algumas expectativas, perspectivas e decepções dos brasileiros dentro de tantos megaeventos⁸, investimentos e gastos públicos desnecessários. Expõe como é possível que o Brasil apesar de ser apontado como um país emergente e a sétima⁹ economia do mundo no PIB (Produto Interno Bruto) tanto nominalmente quanto por paridade do poder de compra (PPC), possa viver ainda com falta de saúde e educação pública, excesso de violência, sem saneamento básico e moradia para todos.

Serão abordadas também algumas questões que tentaremos responder na medida do possível, com informações divulgadas pela mídia nesses últimos anos. Sendo elas: Quais foram as reais mudanças que esse Brasil sofreu e está sofrendo com esses megaeventos? Essas mudanças vieram para ajudar o povo brasileiro? Hoje, como é conhecido o Brasil, como a garota de Ipanema ou a Macabéa? Os brasis dentro do Brasil, qual o resumo da Copa? As Olimpíadas servem como um desfecho de anos de corrupção e interesses privados?

Todos esses megainvestimentos feitos pelo governo brasileiro e as iniciativas privadas obedeceram às normas e as cláusulas planejadas no ato da assinatura dos contratos? Em que pé estão hoje as Arenas (assim chamados os estádios de futebol construídos para a Copa de 2014). O aumento da especulação imobiliária em certas regiões do país, será que serviu para o aumento de polos hoteleiros, pontos de lazer para a população, mais transportes públicos, rodovias melhores, moradias para a população carente?

⁸ Agrupamento de grande número de pessoas em um espaço de tempo, potencial de impacto em diferentes setores da sociedade, que envolve grandes meios de produção.

⁹ Dados extraídos do Sistema de Expectativas de Mercado, compilados e disponibilizados pelo Banco Central do Brasil, até o dia 20/02/15.

Para responder a essas perguntas, serão analisadas a vinda desses megaeventos e os benefícios realizados à população.

Esporte, turismo, gastos e legados

O esporte, ou a prática de uma atividade física, está sempre relacionada à qualidade de vida das pessoas, ao bem-estar e a saúde. Quando praticada fala-se do desenvolvimento do espírito de equipe, do divertimento e do lazer, sem esquecer que o exercício faz muito bem para mente e o corpo de forma geral. Contudo, quando se discute o turismo, as primeiras palavras relacionadas são o ócio, o descanso e o tempo livre. No entanto, o que isso tem a ver com nosso artigo, absolutamente tudo. Se para alguns a prática do esporte é física, para outros é apenas uma forma de passar o tempo, e para aqueles onde o turismo significa ócio, para muitos é o melhor período para se gastar energias.

Foi pensando nesses dois paralelos que o governo brasileiro decidiu investir bruscamente nas obras para a Copa do Mundo de 2014 e nas Olimpíadas de 2016, o foco inicial era beneficiar a população, atrair mais turistas e criar um país pronto para receber todos os tipos de megaeventos, sejam eles relacionados com esportes ou não. Todavia, resta uma dúvida, quais foram as reais mudanças que esse Brasil sofreu e está sofrendo com esses megaeventos?

Para receber a Copa de 2014, o governo brasileiro teve de desembolsar 42% a mais do que foi previsto, quer dizer inicialmente cerca de 6 bilhões, e em menos de seis meses do início da Copa os gastos saltaram para 8,5 bilhões, apenas com a construção e reforma de 12 estádios, obedecendo as normas da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA). Os estádios, batizados de Arenas, foram divididos por Estados e em regiões centrais do Brasil. Segundo o jornal Placar, que divulgou em junho de 2014 a matéria: *Custo dos estádios da Copa de 2014 ficou 42% maior que o previsto*, observa-se a divisão desses bilhões espalhados em Arenas. Como podemos observar no quadro abaixo:

Estádio	Custo	Capacidade
Mané Garrincha (Brasília-DF)	R\$ 1,495 bilhão	72777
Arena de Itaquera (São Paulo-SP)	R\$ 1,170 bilhão	68000
Arena da Amazônia (Manaus-AM)	R\$ 670 milhões	44500
Maracanã*(Rio de Janeiro-RJ)	R\$ 1,050 bilhão	78639
Arena Fonte Nova*(Salvador-BA)	R\$ 689 milhões	55045
Arena Pantanal (Cuiabá-MT)	R\$ 570 milhões	44335
Arena Pernambuco (Recife-PE)	R\$ 533 milhões	46000
Mineirão* (Belo Horizonte-MG)	R\$ 695 milhões	62170
Arena das Dunas (Natal-RN)	R\$ 400 milhões	42024
Castelão* (Fortaleza-CE)	R\$ 519 milhões	63763
Arena da Baixada* (Curitiba-PR)	R\$ 327 milhões	42381
Beira-Rio* (Porto Alegre-RS)	R\$ 330 milhões	49989

*Reformado.(BARROS, 2014)

Entretanto os gastos totais, de acordo com o jornal o Congresso em Foco, divulgado também em junho de 2014, dizia que o custo oficial da Copa do Mundo de 2014 já havia ultrapassado os R\$ 28,1 bilhões. Que de acordo como Ministério do Esporte¹⁰, a maior parte desse dinheiro teria sido usada também para legados da Copa, que além das obras de estádios, investiu na mobilidade urbana, na reforma dos aeroportos e na segurança para os turistas.

De acordo com os números oficiais apresentados pela pasta [se dizendo do Ministério do Esporte], 75% dos investimentos nos

¹⁰Em contrapartida, gostaria de dizer que não existe nada falando sobre os gastos da Copa no site oficial do Ministério do Esporte nos dias de hoje – 28/06/2014. Apenas do que receberam como estrangeiros e quanto eles deixaram.

projetos que integram a Matriz de Responsabilidades para a Copa se destinam a infraestrutura e serviços para o país. [...] Outros 62% dos investimentos estão concentrados em projetos de mobilidade urbana e de modernização dos aeroportos. (COELHO, 2014)

Não obstante estão os dispêndios previstos para as obras dos Jogos Olímpicos, cujo o orçamento total inicial era de 28,8 bilhões de reais para a realização do evento, e antes mesmo do final das obras o Tribunal de Contas da União (TCU), reajustou os gastos para 37,6 bilhões de reais. Esse orçamento está sendo dividido entre o Comitê Rio 2016, que fica com cerca de 7 bilhões de reais; a Matriz de Responsabilidades dos Jogos, cerca de 6,5 bilhões de reais e o Plano de Políticas Públicas (Legados) 24 bilhões de reais. Esses legados estão compostos por uma carteira de 27 projetos, sendo 14 executados pela Prefeitura, 10 pelo Estado do Rio de Janeiro e três pela União. Todos se referem a investimentos em infraestrutura urbana, transporte público, mobilidade, saneamento, entre outros, que beneficiarão a população, mesmo após a realização do evento.

Em todo caso, estes orçamentos ainda não estão fechados a data de hoje 29 de junho de 2015, segundo o relator o Ministro Aroldo Cedraz, da 2ª edição do Relatório de situação do TCU e as Olimpíadas de 2016: “Os valores indicados crescerão de acordo com a atualização da Matriz do Plano de Legado, uma vez que está pendente a indicação dos orçamentos de várias obras, cujos custos ainda estão indefinidos”.(CEDRAZ, 2014, p. 13)

Contudo muito antes desses números saírem, um relatório foi divulgado pelo banco alemão Berenberg e pelo Instituto de Economia Mundial (HWWI), de Hamburgo, em maio de 2014, através do jornal alemão Deutsche Welle. Tratando-se dos efeitos econômicos positivos sendo eles insignificantes para o país que sedia Copas do Mundo e Jogos Olímpicos, mesmo se esses megaeventos servem para dar um impulso para a modernização dos países.

Em entrevista para o jornalista Fernando Caulyt, o economista do Banco Berenberg, Jörn Quitzau¹¹, disse que o risco de investimentos mal utilizados, são

¹¹É economista do Berenberg Bank, faz parte da equipe do Financial Times Alemanha desde 2001. Especialista em economia política europeia. Desde 2009 é professor de Economia na Escola de Frankfurt de Finanças e Gestão.

construções e instalações esportivas não aproveitadas após os eventos, que se transformarão em verdadeiros “elefantes brancos”.

É válido que o ganho no bem-estar social com Copas do Mundo e Jogos Olímpicos seja comparado com o ganho de bem-estar com medidas alternativas, diz Quitzau. No futuro, os países em desenvolvimento deveriam pensar melhor se é válido o esforço para a realização de um projeto de prestígio como a Copa do Mundo.(CAULYT, 2014)

Quitzau cita o exemplo da Alemanha e da África do Sul, esclarecendo que no Mundial da Alemanha, em 2006, foram gastos 3,6 bilhões de reais (1,57 bilhão de dólares) para o mesmo número de estádios. Na África do Sul, em 2010, o valor aproximado foi de pelo menos 3,27 bilhões de reais (1,39 bilhão de dólares), mas para 10 estádios, segundo o levantamento.

Segundo o estudo, em vez de investir na infraestrutura de estádios, o valor poderia ter sido direcionado para setores como educação e saúde. Mesmo assim, Quitzau frisa que os custos para o Mundial seriam economicamente de pouca relevância, já que os 10 bilhões de dólares corresponderiam a cerca de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) do país – em comparação aos gastos públicos em saúde e educação, que correspondem a cerca de 15% do orçamento total do país.(CAULYT, 2014)

Ao refletir sobre o termo criação de “elefantes brancos”, constata-se que o Brasil não ficou longe do prognóstico do economista Quitzau. Pode-se conferir a verdade desse estudo em apenas um ano após o final da Copa, com os problemas já relacionados às infraestruturas dos estádios, a má conservação e o abandono de outros.

O custo destes investimentos no Brasil está somado atualmente com a elevação de impostos, inflação e a falta de emprego. Obras e construções abandonadas, como é o caso da Arena do Pantanal e da Amazônia, respectivamente localizadas nas cidades de Cuiabá, no Mato Grosso e a de Manaus, na Amazônia. As outras tentam buscar alta sustentabilidade com o aluguel dos espaços para festas, shows e até casamentos particulares. Tudo para poder pagar as despesas com a manutenção.

Com esses gastos o governo brasileiro poderia, ao menos, ter reduzido um pouco a ansiedade das Macabéas brasileiras, que mesmo de forma tímida e perdidas, pedem por mais saúde, melhoria nos transportes coletivos e mais estabilidade nos empregos.

Fora isso, esse mesmo Brasil prefere dar destaque e investir nas Garotas de Ipanema, mostrando o que o Brasil tem de melhor, bundas.

Isso não foge da nossa questão sobre como é conhecido o Brasil? Como a garota de Ipanema ou a Macabéa? De acordo com a afirmação do comediante americano, Chris Rock, durante entrevista ao *Tonight Show*, de Jimmy Fallon, na TV americana. Divulgada na coluna de Bruno Astuto, da revista *época*, no início da Copa, falando muito mal da Copa do Mundo no Brasil, usando do poder da liberdade de expressão. Ou seja, para arrancar gargalhadas do telespectador; o criador do seriado *Everybody Hates Chris* (Todo Mundo odeia o Chris) pegou pesado quando perguntado sobre o mundial. "Eu não me importo", respondeu para delírio e aplausos da plateia. "Ninguém assiste a isso. O Brasil é conhecido somente pelas bundas. Todos os caras aqui sabem do que estou falando". (ASTUTO, 2014)

De acordo com a psicóloga Marília Daher Abreu¹², essa afirmação é muito irracional, mesmo que para muitos essa seja a crua realidade do Brasil. A marca, chamada Carnaval, com mulheres de bundas expostas, sempre belas e bronzeadas mostram uma parte do nosso folclore brasileiro em diferentes nações. Mas “pensar só em praia e bunda é muito reducionismo, temos mais a mostrar.” (ABREU, 2015)

Além disso, somos bons anfitriões, sabemos receber e dar festas como ninguém. Tanto é que o *Jornal Nossa Gente*, um portal brasileiro publicado na cidade de Orlando na Flórida, nos Estados Unidos, divulgou logo após a Copa do Mundo, a seguinte matéria: *Os turistas adoraram o reduto brasileiro e prometem voltar*. O jornalista Alvarenga¹³ explica que o Brasil preparou uma grande festa, mas que os donos da casa ficaram à mercê das comemorações. Ele nos deixa, assim mesmo, com uma pergunta no ar e sem resposta:

“30 bilhões de reais desembolsados pelo país para atender os gastos com estádios e obras complementares. Isso seria o suficiente para formar cerca de 20 mil novos médicos em território brasileiro, além de construir postos de saúde, universidades e escolas do ensino médio. E fica a pergunta: valeu a pena o Brasil sediar a Copa do Mundo de

¹²Marília Daherda Silva Abreu é psiquiatra e psicóloga no Rio de Janeiro. Possui graduação em Escola de Medicina e Cirurgia pelo Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro desde 1972 e residência médica pelo Centro Psiquiátrico Pedro II (1975).

¹³Walter Alvarenga é jornalista, escritor e colunista do *Jornal Nossa Gente*, um *Jornal Brasileiro* nos EUA, baseado em Orlando. Atualmente ele é apresentador do programa *Mundo Afora* da TV Educativa Poços. É também autor dos livros *Código do Paraíso* e *O Discípulo*.

2014? A festa acabou, levaram a taça embora? O que ficou para o povo foi à frustração. Por sua vez, a FIFA – organizadora do Mundial – não precisou pagar impostos ao país e teve um lucro de 15 bilhões de reais.” (ALVARENGA, 2014)

Com que legados ficou o Brasil? O que foi feito para a melhoria da população? Se voltarmos a expressão em latim utilizada pelo Império Romano, “*Panem et circenses*” ou popularmente citada como “pão e circo”. Ao analisar a realidade nos dias de hoje, não estaríamos longe de uma política criada para diversão do povo, dá-lhes comida e diversão, ou simplesmente Futebol e Carnaval, que eu diminuo a insatisfação popular contra nós os governantes. Como já dizia Macabéa, na sua plena satisfação: “sou datilografa, sou virgem e adoro Coca-Cola”.

Os sociólogos Lazarsfeld¹⁴ e Merton, já falavam do gosto popular desde 1948:

A luta pela liberdade, lazer, educação popular e segurança social, foi desenvolvida na esperança de que, uma vez libertas dos grilhões mais pesados, as pessoas se beneficiariam dos grandes produtos culturais de nossa sociedade, Shakespeare ou Beethoven e até mesmo Kant. Muito pelo contrário, as massas preferem Faith Baldwin, Johny Mercer ou Edgar Guest¹⁵. [...] Homens lutaram durante gerações para dar aos outros mais tempo de lazer, que hoje é gasto com a Rede Difusora Columbia e não com a Universidade Columbia. (LAZARSELD e MERTON, 1948, in COHN, 1971, p. 230)

A dura realidade em que vive o povo brasileiro é a mesma. O que mudou foram os nomes dos programas televisivos, os autores e as músicas. Vemos ao mesmo tempo, que as preparações para os megaeventos no Brasil continuam, e que obras e desapropriações são assuntos ainda em pauta, contudo como existe certa “urgência” para honrar cláusulas de contratos internacionais, a tentativa de resistência é logo, logo descartada.

Mesmo assim, vale ressaltar que uma das preocupações dos Comitês de Organização sendo eles o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos (COJO) e do Comitê Olímpico Internacional (COI) são, segundo o site oficial Rio 2016: “assegurar a

¹⁴Paul F. Lazarsfeld e Robert K. Merton, eram sociólogos de médias, pela Universidade de Columbia. Escreveram o artigo em inglês “Mass Communication, Popular Taste, and Organized Social Action”, sobre a Comunicação de massa, gosto popular e ação social.

¹⁵ Esses três personagens são atores, escritores, músicos e poetas ao mesmo tempo. Interpretando a cultura popular americana no início do século XX.

celebração regular dos Jogos Olímpicos, encorajar e apoiar uma preocupação responsável por questões ambientais, promover o desenvolvimento sustentável no esporte e exigir que os Jogos Olímpicos sigam esses preceitos”. Com isso, a preocupação central seria também de não deixar “elefantes brancos”, legados construídos com o dinheiro público, como eternas obras fantasmas servindo como testemunha desses gastos.

Completando o que diz o COI e o COJO, Nelma Gusmão de Oliveira¹⁶, acrescenta a isso, na sua tese de doutorado, que um dos requisitos para sediar um megaevento como estes das Olimpíadas são necessárias:

A capacidade de criar internacionalmente uma imagem positiva da cidade e do país anfitrião e de aumentar o orgulho cívico de seus habitantes ou fortalecer sua identidade; o incremento na indústria do turismo devido à projeção que alcança na mídia nacional e internacional; a demonstração internacional de competência; o estímulo e incentivo ao desenvolvimento do esporte e seus efeitos educativos e mesmo o aprendizado com a candidatura e organização do evento, associada à possibilidade atração de outros eventos futuros. (OLIVEIRA, 2012, p. 137)

Castells e Borja já defendiam a flexibilidade e a eficiência econômica e social na construção desses megaeventos como formas de gestão e de contratação que deveriam assegurar a agilidade e a transparência e responder a critérios de eficiência econômica e eficácia social e não apenas de controle político. De acordo com eles as “cidades-empresas” ou atualmente chamadas de cidades-megaeventos deveriam responder a cinco tipos de objetivos:

Nova base econômica, infraestrutura urbana, qualidade de vida, integração social e governabilidade. Somente gerando uma capacidade de resposta a estes propósitos poderão, por um lado, ser competitivas para o exterior e inserir-se nos espaços econômicos globais, por outro, dar garantias a sua população de um mínimo de bem-estar para que a convivência democrática possa se consolidar.(CASTELLS; BORJA, 1996, p. 155)

¹⁶Nelma Gusmão é engenheira Civil, professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e doutora em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ela fez um estudo de tese sobre *O poder dos jogos e os jogos do poder: os interesses em campo na produção de uma cidade para o espetáculo esportivo*.

Para o professor de Educação Física da Universidade de São Paulo, Emerson Franchini¹⁷, que trabalhou para os Jogos Olímpicos de Londres 2012, como técnico da equipe olímpica de Judô brasileiro, explica que o fato de ter vivido um pouco essa experiência na Europa, e o que tem escrito nas entrelinhas dos acordos desses megaeventos para nossa realidade brasileira deixa muito a desejar.

Eu acredito que todo esse processo de sediar os Jogos é um grande equívoco, pois o país necessita de outros aspectos, e o custo de um evento deste porte poderia ser direcionado para essas prioridades. No final, creio que os Jogos ocorrerão, assim como foi com a Copa do Mundo. Os turistas ficarão satisfeitos, apesar das ocorrências negativas que sempre ocorrem (assaltos, atendimento precário em alguns setores etc.). O ponto central é o legado e penso que ocorrerá como aconteceu com a Copa: parte das obras de infraestrutura não terá sido entregue, várias instalações não terão uso após os Jogos e o povo pagará a conta não tendo as obras prometidas e bancando o custo das instalações esportivas...” (FRANCHINI, 2015)

Uma briga entre Macabéa e a Garota de Ipanema está selada. Entretanto, no caso do Rio de Janeiro, a “incômoda” e “feia” presença da pobreza nas áreas mais valorizadas da cidade, referindo-se a nossa Macabéa, perde força com o envolvimento do sistema de articulação “trans-escalar¹⁸ de forças, interesses e ações que, ao mesmo tempo, unifica as elites e consegue o consentimento das classes subalternas”. Como esclarece Nelma:

Uma estratégia sistematicamente utilizada para ampliar esse tipo de valorização é a remoção de vizinhanças indesejáveis, através de deslocamentos forçados das comunidades pobres. [...] Elemento estrutural da paisagem da cidade e, ao mesmo tempo, grande obstáculo à valorização esperada dentro dos padrões estabelecidos pelo mercado internacional, ganha, com os megaeventos esportivos, fortes argumentos para ser eliminada. (OLIVEIRA, 2012, p. 181)

Essa interferência é vivida atualmente no dia a dia dos Cariocas, segundo a Dra. Marília existe uma grande insatisfação por parte dos moradores do Rio de Janeiro.

¹⁷ Emerson Franchini, é doutor em Educação Física, pela Universidade de São Paulo-USP em Biodinâmica do Movimento Humano. Atualmente é professor associado da USP e faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Lutas, Artes Marciais e Modalidades de Combate da EEFPE-USP.

¹⁸ O termo transescalar utilizado por Nelma, é uma nova perspectiva de construir estratégias analíticas e políticas. Sendo utilizada por entidades políticas como escalas nacionais, regionais e locais em seu próprio benefício, com ganhos rápidos e sem constrangimento.

“Parece que a reação é de certa irritação com as obras em curso, que atrapalham um bocado a vida do carioca. Trânsito pesado, falta de informação e por aí vai”. (ABREU, 2015)

No entanto o pior é vivido pelos moradores da Vila Autódromo¹⁹, localizada entre o Parque Olímpico, e a lagoa de Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, onde está a maior concentração das principais atividades dos Jogos Olímpicos de 2016. Em meio ao gigante canteiro de obras, 583 famílias (cerca de 2.450 pessoas) que, segundo os moradores, viviam na comunidade até fevereiro de 2014, foram desculpadas, restando desse número apenas um terço deles, 192 famílias (cerca de 800 pessoas).

Esses dados foram publicados pelo jornal espanhol o El País, no artigo de Felipe Betim, do dia 20 de junho de 2015, sobre as *Remoções na Vila Autódromo expõem o lado B das Olimpíadas do Rio*, retratando a história da Vila Autódromo como um legado de remoções e desapropriações realizadas pela organização das Olimpíadas do Rio de Janeiro. De acordo com os dados apresentados no livro SMH 2016: Remoções no Rio de Janeiro Olímpico (Mórula Editorial), do arquiteto e pesquisador da UFRJ Lucas Faulhaber e da jornalista Lena Azevedo, fornecidos pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH), cercas de milhares de pessoas foram desapropriadas por decreto. “Apenas entre 2009 e 2013, 20.299 famílias (cerca de 67.000 pessoas) foram removidas - e indenizadas ou reassentadas - de suas casas pela Prefeitura devido as recentes intervenções urbanas ou ao argumento de que moram em zonas de risco”.

Isso é logo deparado quando olhamos para a realidade do Brasil, é o que mostra a cada dia essas pessoas que migram e emigram dentro de cada pedacinho desses brasis situados dentro desse enorme Brasil. Como esclarece Marília “*quem emigra a para o Rio e não imigra. No Rio ela se torna uma imigrante*”. Dentro de uma realidade, que não é a mais satisfatória para as Macabéas, torna-se uma realidade muito enriquecedora para outras Garotas de Ipanema, é o que explica Regina Bienenstein, coordenadora adjunta do projeto e do Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos (NEPHU), da UFF, no mesmo artigo do El País:

¹⁹ A comunidade que venceu o prêmio internacional de urbanismo. Nasceu como uma comunidade de pescadores nos anos 60, em uma época que a zona oeste do Rio era praticamente deserta, sem os condomínios de luxo e shoppings center de hoje. A partir dos anos 90, com o prefeito César Maia (DEM), a comunidade passou a conviver com a ameaça constante de ser removida devido a sua privilegiada posição geográfica, alvo constante do expansivo setor imobiliário.

Não é necessário ser um especialista para constatar o óbvio: a Vila Autódromo, com seu terreno plano, ruas abertas, casas bem estruturadas, além de uma população unida, é perfeitamente urbanizável. Basta vontade política. E sempre tivemos uma preocupação ambiental. O plano resguarda uma faixa de proteção da lagoa de Jacarepaguá [em teoria, uma área de proteção ambiental], a recuperação do mangue e da vegetação nativa, além do reassentamento das pessoas que moram nas margens da lagoa para o miolo da comunidade. E desde o início nos adaptamos ao projeto do Parque Olímpico. (BETIM, 2015)

Contudo não se deve esquecer o principal motivo que nos faz participar desses megaeventos sem nenhum rancor, como explica o professor Luciano Victor Barros Maluly²⁰:

Espírito esportivo, virtude educacionais, responsabilidade ambiental, proteção à saúde, segurança, bem-estar físico e mental, igualdade, participação de todos, solidariedade, respeito pelos outros, autodescoberta, autoafirmação, amor pelo desafio físico e mental, precisão e perseverança são alguns dos princípios do olimpismo, que foram contemplados na história da entidade, como provam os resultados alcançados, e são mantidos como principais valores. Lembramo-nos da frase do criador dos jogos olímpicos modernos, Pierre de Coubertin, dita em 1918 (apud Chang, 2001, p. 1): “Se alguém me perguntar qual é a receita para viver com espírito olímpico, eu respondo que a primeira condição para isso é ser feliz”. (MALULY; CERVEIRA, 2011, p. 195)

179

Ser feliz, no meu ver, é ser um eterno imigrante de situações. Seríamos um pouco sim como o povo Romano, nada como pão e circo para esquecermos as derrotas da vida. Os fatos são reais, veja como já esquecemos o frustrante resultado da Copa de 2014, com o resultado final de 7x1 contra a Alemanha. As nossas Macabéas, nosso povo brasileiro, sofrem de um problema gravíssimo e sem cura, eles são inocentes demais, crédulos a ponto de acreditarem em um futuro planejado por uma cartomante, esta representada pelo nosso governo brasileiro, que faz crer no casamento perfeito entre os megaeventos e seus legados. Enquanto isso nossa Garota de Ipanema resta a se expor ao sol forte das belas praias do Rio de Janeiro, mostrando para todos os nossos visitantes o quanto o Brasil é a terra “mais linda, mais cheia de graça”.

²⁰Luciano Victor Barros Maluly é doutor em ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e professor de jornalismo na Escola de Comunicação e Artes do mesmo estabelecimento – USP.

Esperamos que, apesar de todas as injustiças, corrupções e desconfortos proporcionados a população brasileira pelos poderes públicos e privados, para a realização de tantos megaeventos, não deixe mais um legado com manchas nas nossas belas imagens que representam nossas Garotas de Ipanema. Que nossos atletas olímpicos e paralímpicos façam bonito nas provas olímpicas. Que recebam e distribuam os valores das Olimpíadas Rio 2016: amizade, respeito, excelência, igualdade, inspiração, determinação e muita coragem para mostrarem que nossas Macabéas são as verdadeiras almas espalhadas por todos os brasis desse Brasil vestido de Chita.

Referências

ABREU, Marília Daher. Entrevista concedida por email, para a autora desse artigo. Sobre o tema *A Copa e as Olimpíadas*, no dia 15 de junho de 2015.

ALVARENGA, Walther. "O Brasil depois da Copa". In: *Jornal Nossa Gente*, Orlando, 2014. Disponível em <http://www.nossagente.net/o-brasil-depois-da-copa>. Acesso em: 18 jun. 2015

ASTUTO, Bruno. "Chris Rock detona Copa do Mundo: "O Brasil só é conhecido pelas bundas"". In: *Revista Época online*, São Paulo, 24 de junho de 2014. Disponível em <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2014/06/bchris-rockb-detona-copa-do-mundo-o-brasil-so-e-conhecido-pelas-bundas.html>. Acesso em: 28 jun. 2015

BARROS, Felipe. "Custo da obra por assento do Mané Garrincha é o dobro da Arena das Dunas". In: *Revista Placar online*, São Paulo, 6 de outubro de 2014. Disponível em <http://placar.abril.com.br/materia/assento-do-mane-garrincha-custou-mais-que-o-dobro-da-arena-das-dunas/>. Acesso em: 28 jun. 2015

BETIM, Felipe. "Remoções na Vila Autódromo expõem o lado B das Olimpíadas do Rio". In: *Jornal El País online*, Rio de Janeiro, 20 de junho de 2015. Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/20/politica/1434753946_363539. Acesso em: 21 jun. 2015

CASTELLS, Manuel; BORJA, Jordi. *As cidades como atores políticos*. Novos Estudos. n. 45, 1996.

CAULYT, Fernando. "Copa do Mundo não dará impulso duradouro à economia, diz estudo". In: *Deutsche Welle (DW.COM)*, Berlim, 13 de maio de 2014. Disponível

em <http://www.dw.com/pt/copa-do-mundo-n%C3%A3o-dar%C3%A1-impulso-duradouro-%C3%A0-economia-diz-estudo/a-17633360>. Acesso em: 26 jun. 2015.

CEDRAZ, Aroldo. "O TCU e as Olimpíadas de 2016". 2ª edição. In: *Fiscaliza Rio 2016*, Publicações, Brasília, 15 de outubro de 2014. Disponível em <http://www.fiscalizario2016.gov.br/fiscaliza-rio-2016/publicacoes/o-tcu-e-as-olimpiadas-de-2016-2-edicao-1.htm>.

COELHO, Mario. "Custo da Copa do Mundo passa de R\$ 28 bilhões - Congresso em Foco". In: *UOL: Congresso em Foco*. Brasília, 24 de junho de 2013. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/custo-da-copa-do-mundo-passa-de-r-28-bilhoes/>. Acesso em: 28 jun. 2015

LAZARSELD, Paul F.; MERTON, Robert K. "Comunicação de massa, gosto popular e ação social". In: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: 1971.

FRANCHINI, Emerson. Entrevista concedida por email para a autora desse artigo. Sobre o tema *A Copa e as Olimpíadas*, no dia 06 de junho de 2015.

MALULY, Luciano V. B.; CERVEIRA, José Luiz F. "Comunicação, esporte, turismo e meio ambiente: como a canoagem transformou Piraju em cidade olímpica". In: *Organicom*. Comunicação e Esporte: pesquisa, marketing e mídia. V. 8. N. 15. 2011.

ROCHA, Maria Dias; QUEIROZ, Mônica "O significado da cor na estampa do tecido popular: a chita como estudo de caso". 6º *Colóquio de Moda*. São Paulo: 2010. Disponível em http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda_2010/68848_O_significado_da_cor_na_estampa_do_tecido_popular_-_a_.pdf. Acesso em: 30 agosto 2015

OLIVEIRA, Nelma. G. de. *O poder dos jogos e os jogos do poder: os interesses em campo na produção de uma cidade para o espetáculo esportivo*. Tese de doutorado. Universidade do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <http://objdig.ufrj.br/42/teses/789442.pdf>

APÊNDICE

Entrevistas concedidas por email no dia 25 de maio de 2015:

- **Marília Daherda Silva Abreu é psiquiatra e psicóloga no Rio de Janeiro. Possui graduação em Escola de Medicina e Cirurgia pelo Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro desde 1972 e residência-medicapelo Centro Psiquiátrico Pedro II (1975).**

Você conhece a Macabéa?

Sobre a personagem de Clarisse quem emigra para o Rio e não imigra. No Rio ela se torna uma imigrante.

Marília você como profissional da área de psicologia, e moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro, o que você acha que as Olimpíadas de 2016 estão interferindo no dia a dia emocional dos cariocas?

A interferência atualmente no dia a dia me parece que a reação é de uma certa irritação com as obras em curso, que atrapalham um bocado a vida do carioca. Trânsito pesado, falta de informação e por aí vai.

182

Em termos gerais, com essa crise, você acha que o brasileiro está ansioso para ganhar medalhas olímpicas? Ou para pagar as contas no final do mês? E porquê?

“Viver” a olimpíada ainda é cedo, entrar no clima só mesmo na hora. Isso responde à pergunta sobre medalhas e pagamento de contas...

O Brasil é conhecido por suas “belas formas e cores”, quando pensamos em Rio de Janeiro pensamos nas praias e nas belas cariocas, o que você poderia dizer desse turismo de “bunda” oferecido também para os estrangeiros? Brasil é só bunda?

Pensar só em praia e bunda é muito reducionismo, temos mais a mostrar.

E por fim, sobre a violência do Rio, para a Copa o governo conseguiu mascarar a violência, ele deve fazer o mesmo para as olimpíadas. O carioca e o brasileiro em si, não sofrem distúrbios com essa segurança disfarçada?

Quanto à questão da violência, me parece que como metrópole que somos, temos o mesmo problema das grandes cidades. É complexo e requer soluções conjuntas, que não me cabe explicar.

Gostarias de completar com algo?

Freud dizia que existem três profissões impossíveis: ser psicanalista, ensinar e governar.

- **Emerson Franchini é doutor em Educação Física, pela Universidade de São Paulo-USP em Biodinâmica do Movimento Humano. Atualmente é professor associado da USP e faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Lutas, Artes Marciais e Modalidades de Combate da EEFE-USP.**

O Brasil agora vai sediar os jogos, o que você acha? E o Brasil está preparado? Ou vai ser novamente uma vitrine para mostrar as “bundas” brasileiras?

Eu acredito q todo esse processo de sediar os Jogos é um grande equívoco, pois o país necessita de outros aspectos e custo de um evento deste porte poderia ser direcionado para essas prioridades. No final, creio que os Jogos ocorrerão, assim como foi com a Copa do Mundo. Os turistas ficarão satisfeitos, apesar das ocorrências negativas que sempre ocorrem (assaltos, atendimento precário em alguns setores etc.). O ponto central é o legado e penso que ocorrerá como aconteceu com a Copa: parte das obras de infraestrutura não terá sido entregue, várias instalações não terão uso após os Jogos e o povo pagará a conta não tendo as obras prometidas e bancando o custo das instalações esportivas...

Os espaços de judô vão poder ser utilizados após os jogos, algum comentário?

183

Até onde sei, o espaço está sendo planejado para ser desmontado após os Jogos, mas teria que verificar.

Sobre os atletas o que vai ser feito?

Diversos atletas, ainda que sem uma estrutura organizada por parte das federações, contam com bom suporte técnico em seus clubes (destaque para o Esporte Clube Pinheiros, Minas Tênis Clube e Sogipa) ou têm suporte de profissionais que atuam voluntariamente na preparação para as grandes competições. Assim, juntamente com o esforço e dedicação acentuada dos próprios atletas, o auxílio da própria comunidade esportiva é fundamental para o sucesso dos atletas. Obviamente, seria melhor se as federações efetuassem a contratação de suas equipes técnicas com base em critérios de competência técnica (apesar de parecer redundante dizer equipe técnica formada com base em critérios técnicos) e menos com base em afinidades pessoais. De qualquer forma, como usual, o brasileiro encontra um meio de contornar a bagunça oficial e conquistar seu lugar também no cenário esportivo. Outro ponto que conta muito neste processo é o suporte familiar, que tem se demonstrado essencial.